

Seminário Permanente de Estudos sobre Macau

CETAPS e CHAM

FCSH

Universidade Nova de Lisboa



Oriente/Ocidente: A Poesia de Alberto Estima de Oliveira, A Arte de Tomie Ohtake

Mónica Simas
(Universidade de São Paulo, Brasil)

11 de Novembro de 2010

14 horas

Sala multiusos 3, piso 4, edifício ID

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade Nova de Lisboa

O binómio Oriente/Ocidente é descrito, muitas vezes, em determinada tradição discursiva, como um par de polaridades essencialmente antagónico, no entanto, as redes de contatos que o envolvem e que se formaram histórica e geograficamente evidenciam ações afirmativas de interactividade constantes. Este Seminário pretende refletir sobre articulações estéticas híbridas em contextos de trocas culturais complexos a partir da poesia de Alberto Estima de Oliveira (1934-2008), escrita em Macau, e da obra da artista nipo-brasileira Tomie Ohtake (1913-), realizada no Brasil. Com 7 títulos publicados em Macau, entre 1987 e 1999, e, mais recentemente, com uma primeira antologia publicada em Portugal em 2003, Alberto Estima de Oliveira foi inventor de uma poesia densa e criativa, uma das mais expressivas em língua portuguesa, radicalmente aberta ao outro no diálogo constante com os mundos possíveis da realidade humana. Tomie Ohtake nasceu em Kioto e chegou ao Brasil em 1936, com 23 anos, sendo, hoje, uma das assinaturas mais consagradas no campo das Artes, tendo realizado mais de uma centena de exposições e recebido, pelo menos, uma dezena de prémios. Se, como afirma Haroldo de Campos, a crítica não tem elementos para identificar claramente a maneira pessoal como a artista está ligada às raízes japonesas, poder-se-ia apontar, por outro lado, para a o lugar enigmático que Macau ocupa na constituição da poesia de Alberto Estima de Oliveira. Ao evitar a referencialização, o silêncio torna-se uma mola fundante do ser da poesia deste último. Na obra da artista, ao transpor-se o figurativismo, o vazio passa a intensificar o corpo/cor que abriga as mais diversas formas. Ambos foram e são artistas independentes com percursos pessoais. E, sobretudo, ambos articulam o binómio Oriente/Ocidente, rasurando a antiga dicotomia através de sensíveis vibrações.